



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAPARAÍBA
CAMPUS PATOS**

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS

MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

DOUGLAS DA SILVA CUNHA

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NO PROCESSO
DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NA ESCOLA REGULAR:
EM ANÁLISE A VOZ DO SURDO**

**PATOS - PB
2021**

DOUGLAS DA SILVA CUNHA

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NO PROCESSO
DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NA ESCOLA REGULAR:
EM ANÁLISE A VOZ DO SURDO**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus Patos*, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

Orientador (a): Profa. Ma. Joseilda Alves de Oliveira

**PATOS - PB
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PATOS/IFPB

C972i Cunha, Douglas da Silva

A importância do trabalho do intérprete de libras no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo na escola regular: em análise a voz do surdo/ Douglas da Silva Cunha. - Patos, 2021.

26 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2021.

Orientadora: Prof^a. Ma. Joseilda Alves de Oliveira

1. Inclusão 2. Intérprete de libras 3. Surdos 4. Escola regular I. Título.

CDU – 376-056.263

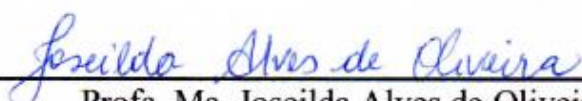
DOUGLAS DA SILVA CUNHA

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NA ESCOLA REGULAR:
EM ANÁLISE A VOZ DO SURDO**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus Patos*, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

APROVADO EM: 28/05/2021

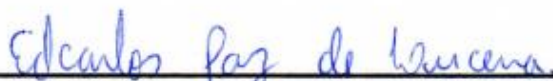
BANCA EXAMINADORA



Profª. Ma. Joseilda Alves de Oliveira - Orientadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba



Profª. Ma. Ana Maria Zulema Pinto Cabral da Nóbrega - Examinadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba



Prof. Esp. Edcarlos Paz de Lucena - Examinador
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NA ESCOLA REGULAR: EM ANÁLISE A VOZ DO SURDO

RESUMO

As discussões acerca da inclusão dos discentes surdos no ambiente escolar, muito se fala sobre o acesso e permanência desses em escolas da rede regular de ensino. Nesta perspectiva, muitos são os questionamentos construídos em relação a temática, dentre os quais destaca-se: i) a inclusão do surdo na escola regular tem acontecido realmente? ii) como ele é recebido nesse espaço? Como ele se sente na sala de aula regular? iii) ele tem acessibilidade linguística? iv) qual a importância do intérprete de Libras na sala de aula para o aluno surdo? O objetivo deste estudo é investigar qual a importância do trabalho do intérprete no processo de ensino e aprendizagem do sujeito surdo na escola regular. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa com análise interpretativa e caracteriza-se como pesquisa de campo. O estudo recorreu a entrevista semiestruturada para coleta e materialização dos dados. Para fins de reflexões teóricas foram utilizadas como aporte autores como Quadros (2004; 2019), Vitaliano (2010), Skliar (2017), Lacerda (2000), Kelman (2010), Magalhães e Nóvoa (1992), dentre outros. Constatou-se que o aluno surdo ainda é recebido na escola sem que haja uma preparação básica, nesse caso, o acesso linguístico. E sobre este aspecto, o aluno compreende, valoriza e reconhece a importância do trabalho do intérprete para o processo de ensino e aprendizagem e que sem a presença desse profissional em sala de aula, a falta de acessibilidade linguística compromete todo o processo de interação e de construção do conhecimento.

Palavras-chave: Inclusão. Intérprete de Libras. Surdos. Escola Regular.

ABSTRACT

When discussing the inclusion of deaf students to school environment we are talking about access and keeping action at regular net teaching school. In this perspective, there are lots of questions around this theme, among several of these questions, we signal: i) the inclusion of deaf people at regular school has been really happened? How is deaf student been introduced at this school, how does she/she feel in that regular classroom? Iii) Does he/she have linguistic accessibility? iv) what is the importance of the work of LIBRAS interpreter in the classroom to the own learning process as deaf students? This study aims at investigating the importance of LIBRAS interpreter in the process of teaching learning process of deaf subject at regular school. This research adopted a qualitative approach based on interpretative analysis and it is characterized as a field research. The study was based on semi-structured interviews to collect and materialize data. To our theoretical reflections we had used contributions by Quadros (2004; 2019), Vitaliano (2010), Skliar (2017), Lacerda (2000), Kelman (2010), Magalhães, and Nóvoa (1992), among other scholars. We could see that deaf student has still been received at school in a way that school is never prepared to include him/her, especially in linguistic access. In what is related to this, communication, the students comprehend, valorize, and recognize the importance of the work of LIBRAS interpreter to teaching learning process. He/She sees that without this professional work in his/her classroom there is a lack of linguistic accessibility that put in risk the process of interaction and knowledge construction.

Key words: Inclusion, LIBRAS interpreter. Deaf. Regular School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
2.1	A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR.....	08
2.1.1	Sobre a formação docente para educação de alunos surdos	11
2.2	A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO	12
3	METODOLOGIA	15
4	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	16
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas na Educação Especial brasileira nos últimos 25 anos, levaram-na de um sistema paralelo e substitutivo ao ensino comum, tem se transformado em um terreno fértil para construção de pesquisas na área (RAMOS; HAYASHI, 2019).

Observou-se que muitas foram as ofertas de serviços e de recursos para apoio e garantia do processo educacional e do desenvolvimento do aluno com deficiência nessas últimas décadas. Para Damázio (2007), pode-se mencionar como exemplo desses serviços o atendimento educacional especializado (AEE), oferecido nas escolas regulares de educação básica, uma das ofertas que integram a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Dentro desse universo da educação inclusiva, o processo educacional do surdo, na atual proposta de inclusão escolar, tem sido intensamente contestada pela comunidade surda. Considerando que debater sobre a educação de surdos na escola regular implica discutir os muitos desafios enfrentados na busca por uma proposta pedagógica que realmente contemple o ensino e aprendizagem desse sujeito, pois compreendemos juntamente à Damázio (2007) e Skliar (2017), que a inclusão escolar do aluno com surdez não é apenas garantir uma matrícula nos registros da escola, mas ela deve ofertar uma proposta que considere as singularidades desse aluno.

Nessa perspectiva muitos são os questionamentos construídos em relação à temática, dentre os quais destacamos: I) a inclusão do surdo na escola regular tem acontecido realmente? II) como ele é recebido nesse espaço? como ele se sente na sala de aula regular? III) ele tem acessibilidade linguística? IV) qual a importância do intérprete de Libras na sala de aula para o aluno surdo?

A discussão proposta neste texto sugere inquietações, sendo elas que nortearão nossa pesquisa. Para respondê-las delimitou-se como objetivo geral: investigar qual a importância do trabalho do intérprete no processo de ensino e aprendizagem do sujeito surdo na escola regular e como específicos: (i) destacar os principais desafios enfrentados pelos sujeitos surdo mediante inclusão no ensino regular, (ii) analisar a importância do intérprete no processo de ensino regular.

Com vistas da concretização deste trabalho desenvolveu-se a pesquisa de campo com o propósito maior de investigar a importância da atuação do intérprete de Libras na sala de aula regular para o processo de construção da aprendizagem do aluno surdo, partindo da

análise do posicionamento daquele. Portanto a pesquisa é de cunho qualitativo com abordagem interpretativa.

As reflexões teóricas desta pesquisa foram embasadas no aporte dos autores Carmo (2011), Kelman (2010), Magalhães e Nóvoa (1992), Quadros (2004; 2019), Vitaliano (2010), Skliar (2017), Lacerda (2000), dentre outros.

O presente trabalho, além dessa introdução na qual fora apontada a temática da pesquisa, o objetivo a ser atingido e a justificativa de nossa escolha, será apresentada uma discussão teórica estruturada em dois momentos. O primeiro faz considerações sobre o processo de inclusão do aluno surdo na educação regular, destacando alguns desafios enfrentados no percurso, dentre eles a formação docente. No segundo busca-se evidenciar a importância da atuação do interprete de Libras no processo de construção da aprendizagem do aluno surdo. Em seguida será destacada a metodologia escolhida para o percurso do presente estudo, logo após, serão apresentadas as análises interpretativas realizadas e, por fim, as considerações sobre os achados e apontamos a necessidade da continuidade da discussão por meio de pesquisas futuras.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR

A qualidade da educação tem sido uma pauta recorrente no cenário mundial. E no Brasil, percebe-se uma convergência de sentidos em relação à construção de estratégias educacionais que alcancem os segmentos da sociedade brasileira e atendam as pessoas com necessidades específicas de aprendizagem (RAMALHO, 2005). Nessa perspectiva, a questão da inclusão do aluno surdo no ensino regular é um assunto recorrente na atualidade escolar e tem gerado várias reflexões a respeito de sua real viabilidade no meio educacional.

O princípio que norteia a regulamentação da educação inclusiva, orienta que as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas, dentre outras. Essas condições provocam desafios distintos aos sistemas escolares. (UNESCO 1994).

Segundo Mantoan (2003. p. 97) “Inclusão trata-se de um acontecimento prazeroso de convivência com o diferente”, ou seja, consiste na capacidade de entender, respeitar e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver, compartilhar e aprender o brilho da diversidade com as diferentes pessoas.

Diante do exposto, pode-se compreender a inclusão como uma ação que visa garantir a todos os alunos a igualdade de oportunidades educativas, para que possam gozar dos seus direitos independentemente de sua cor, condição social, física ou econômica.

Nesse contexto de inclusão, a escola precisa acolher os alunos e disponibilizar recursos estruturais e pedagógicos que sejam capazes de atender às necessidades de aprendizagem, dando-lhes condições para o enfrentamento das dificuldades. Nesse sentido, a escola, além de um local destinado à aprendizagem dos muitos letramentos, necessita ser um espaço que oportunize à criança desvendar o mundo, assim como aprender a conviver em sociedade (ROJO; BARBOSA, 2015). Porém, para que o aluno com deficiência tenha garantido essa relação de aprendizagem e experiência, a acessibilidade precisa ser uma realidade na escola regular que recebe esse alunado (CASTRO, 2013).

Vale ressaltar ainda que a inclusão dos alunos com deficiência está regulamentada, em âmbito nacional, na Constituição Federal (1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996 e no Plano Nacional da Educação (2014), e na seara internacional o Brasil é signatário da Declaração de Salamanca, a qual foi estabelecida em 1994.

Nesse contexto, ressalta-se a importância da Lei nº 10.364/2002 para o processo educacional do surdo na escola regular. Foi a partir da regulamentação da referida lei que a educação do surdo ganhou mais espaço na escola regular. Para Bortoleto; Rodrigues e Palamin (2002/2003), a inclusão do surdo na escola deve garantir sua permanência no sistema educacional regular com igualdade de oportunidades, bem como, ensino de qualidade, ou seja, se faz necessário que as escolas regulares sejam orientadas sobre a educação inclusiva, com objetivo de promover ao surdo a acessibilidade ao conhecimento.

Conforme orienta Dorziat (2004) considera que a inclusão social de pessoas surdas, objetivando sua participação social efetiva, depende de uma organização das escolas considerando três critérios: a interação por meio da língua de sinais, a valorização de conteúdos escolares e a relação conteúdo-cultura surda.

Além dos critérios sugeridos por Dorziat (2004), documentos oficiais sobre a educação inclusiva, segundo Brasil (2002), a escola devem oferecer sua organização¹:

1. Atividades em classe comum:

¹ O Projeto Escola Viva de Brasil (2000), elaborado pelo Ministério da Educação, divide em dois níveis as adaptações curriculares: 1) Adaptação de Grande Porte: “ações que são da competência e atribuição das instâncias político-administrativas superiores, já que exigem modificações que envolvem ações de natureza política, administrativa, financeira, burocrática” e 2) Adaptação de Pequeno Porte: “ações que cabem aos professores, para realizar e favorecer a aprendizagem de todos os alunos presentes em sala de aula (...)

a) com professores capacitados para o atendimento das necessidades educacionais especiais dos alunos;

b) com o apoio de professor de Educação Especial e, se for o caso, do intérprete de LIBRAS/ Língua Portuguesa, em concordância com o projeto pedagógico da instituição;

2. Serviços de apoio especializado, complementado também em salas de recursos, em turno diverso, em classes hospitalares, no atendimento domiciliar, ou outros espaços definidos pelo sistema de ensino.

Pelo exposto, entende-se que o processo de inclusão do surdo no ambiente escolar necessita de práticas educativas que sejam direcionadas à qualidade das relações estabelecidas neste ambiente, sendo elas a capacitação para o domínio e o uso da Libras pelos professores, apoio do intérprete, estas são condições necessárias, mas não suficiente para que a inclusão seja exitosa.

E ainda, compreende-se que a inclusão do sujeito surdo no ensino regular implica em grandes desafios a serem encarados. Além disso, precisa-se levar em conta que eles enfrentam diariamente dificuldades, como os preconceitos e a falta de profissionais que correspondam às suas necessidades enquanto estudantes, bem como o desafio da implementação da Libras nas escolas, vista hoje como um dos maiores enfrentamentos para as escolas brasileiras (OLIVEIRA, 2012). Neste contexto, compreende-se, que a acessibilidade comunicativa ainda se constitui um entrave na educação brasileira do surdo, visto que “[...] uma das maiores dificuldades encontradas pelos alunos com necessidades educativas especiais, especificamente os surdos, é derrubar as barreiras referentes à comunicação (OLIVEIRA, 2012, p.100) ”.

Apesar desses desafios, a introdução do surdo e do intérprete nas escolas parece ser uma experiência exitosa para os surdos e para os ouvintes, os quais têm a oportunidade de conviver com as diferenças, aprender sobre a surdez, a Libras e a comunidade surda, tornando-se cidadãos menos preconceituosos. E ainda, essa experiência poderá trazer possibilidades de superação desses desafios impostos pelo mundo atual, pois, o surdo possui a mesma capacidade intelectual de qualquer ouvinte, tendo possibilidades infinitas de desenvolvimento intelectual e social.

2.1.1 Sobre a formação docente para educação de alunos surdos.

Em 1996 foi publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL,1996), determinando a oferta da educação especial no ensino regular. E em março de 1990 foi realizada a “Conferência Mundial sobre a Educação para Todos”, em Jomtien, Tailândia, resultando na necessidade de os professores desenvolverem nova postura, nova forma de pensar a educação, como pontuada,

A necessidade dos professores desenvolverem a compreensão de que a inclusão dos alunos com NEE, bem como de outras categorias de alunos excluídos, requer uma postura e uma compreensão do fazer pedagógico que envolve uma análise crítica da organização escolar, reflexão e busca de conhecimentos constantes, por meio de discussão com seus pares e junto às fontes de conhecimentos já sistematizados. (VITALIANO, 2010, p. 44).

A partir da leitura desta fala, compreende-se a necessidade da busca por conhecimentos constantes, visando que a formação continuada possa abrir caminhos para a formação crítica, embasada teoricamente e que venha refletir numa prática capaz de contribuir com o desenvolvimento do aluno, considerando sua singularidade.

Evidentemente é dever do Estado a iniciativa de organizar estratégias que de fato concretizem a formação devida aos profissionais da educação. Nesse sentido, é importante destacar que “a aprendizagem docente envolve a interação com colegas, alunos, espaço acadêmico e a comunidade, em seu conjunto” (ISAIA, 2006, p. 76), portanto, é evidenciada a necessidade de busca por qualificações para atendimento aos alunos, considerando suas especificidades individuais.

Aliando-a ao pensamento de Isaia (2006) ao expressar que a busca pelo conhecimento deve ser algo intrínseco ao professor comprometido com a educação, seja em qualquer espaço de atuação no processo educacional. No entanto, esse processo de formação não deve ser compreendido como um processo que acaba no professor, como indica Isaia (2002, p. 265) “[...] ela, para ser efetiva precisa ir além, em direção à qualidade do ensino que os alunos recebem”. Assim, é fundamental que essa formação seja estendida e compreendida por outros profissionais envolvidos no processo como necessária e relevante, como pontua Vitaliano (2010, p. 53) ao mencionar que “. [...] os apontamentos que se seguem sobre a formação do professor são também relevantes no processo de formação dos gestores escolares”, visto que,

não se pode esquecer que o professor atua em sala de aula, mas também é gerido por coordenadores e diretores, assim nada adiantaria a formação se não se estendesse aos profissionais que atuam nos demais espaços do processo de ensino e aprendizagem.

Para Nóvoa (1992) a relação entre a formação e a prática pedagógica é fundamental frente ao universo dos saberes docentes, porém, o processo formativo idealizado por muitos docentes é aquele que vem anterior à “demanda”, ou seja, anterior à chegada do aluno com deficiência na escola, o saber necessita ser prévio para que haja uma organização metodológica, mas as necessidades específicas de cada educando se conhece durante a realidade escolar, e as transformações metodológicas se dão no decorrer da prática, no conhecimento das necessidades do aluno.

Na perspectiva de reconhecer a demanda, as necessidades e o aprofundamento necessário para o desenvolvimento da capacidade de conduzir o aluno ao aprendizado, como aponta Nóvoa (1992, p. 29), verifica-se que “a formação não se faz antes da mudança, faz-se durante, produz-se nesse esforço de inovação e de procura dos melhores percursos para a transformação da escola”. Esse posicionamento remete ao entendimento de que essa busca precisa ser constante, posto que (alunos e professores) são sujeitos inacabados, inconclusos (BAKHTIN, 2011), e em constante aprendizado. Portanto, a busca constante por formação docente pode contribuir para o processo inclusão do aluno surdo e legitimar os saberes para a prática em sala em sala de aula e a constituição do sujeito.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO

Diante das transformações ocorridas em diversas áreas da sociedade, com o cenário educacional não é diferente, tais mudanças refletem nos ambientes institucionais como consequências destas transformações. Assim, as mudanças que ocorrem na educação também refletem nos profissionais desta área. Neste contexto, de adaptações e uma educação voltada para à inclusão surge a necessidade de um intérprete de Libras, considerando que as funções a serem desempenhadas por esse profissional vêm sendo ressignificadas, uma vez que seu saber e seu fazer são perpassados por certas peculiaridades da área educacional e não somente pelo domínio e pela fluência em Libras (LACERDA; GÓES, 2000).

Refletindo sobre as especificidades da atuação desse profissional, Lacerda e Góes (2002), Quadros (2019), Tuxi (2009), Martins (2008) e Albres (2015) apontam que a função

primordial do intérprete de libras educacional é intermediar as relações estabelecidas entre o aluno surdo e os demais sujeitos presentes nesse contexto, portanto, ele assume grande responsabilidade na construção do sujeito, se considerar que o sujeito, enquanto ser social, se constitui na e pela linguagem na relação com o outro (BAKHTIN, 2011).

Destarte, com as especificidades para desempenho desse profissional surgiu a necessidade de regulamentar uma lei que melhor orienta a sua atuação, assim, em 1º de setembro de 2010 o Congresso Nacional sancionou a Lei nº 12.319 que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Libras, prescrevendo em seus artigos 2º e 4º as competências e a formação, senão vejamos:

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

(...)

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III. BRASIL (2010, p. 1)

De acordo com Quadros (2004), o tradutor intérprete de Língua de Sinais é aquele profissional que domina a Língua de Sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete de Libras, ou seja, no Brasil, o intérprete da Língua de Sinais deve dominar a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa.

Destaca-se que interpretar exige dos envolvidos, não somente a prática de interpretação, mas também um profundo conhecimento teórico sobre a área de atuação e habilidades para a prática que será desenvolvida em sala de aula. E, no desempenho da função de intérprete algumas questões relacionadas ao processo de trabalho com o aluno surdo merecem reflexões, tendo em vista que, alguns aspectos podem aparecer como elementos que dificultam o trabalho do intérprete e ele precisa estar preparado para superá-los.

Neste ambiente educacional em que o intérprete também é parte essencial, existe alguns aspectos favoráveis e desfavoráveis ao exercício da função de intérprete com o aluno surdo, como bem salienta os estudos de Magalhães (2013), conforme quadro abaixo.

Quaro 01: Aspectos favoráveis e aspectos desfavoráveis ao trabalho com alunos surdos

Aspectos Favoráveis	Aspectos Desfavoráveis
O aluno surdo aprende de modo mais fácil o conteúdo de cada disciplina;	O intérprete pode não conseguir passar o conteúdo da mesma maneira que o professor;
O aluno surdo sente-se mais seguro e tem mais chances de compreender e ser compreendido;	O aluno não presta atenção ao que o professor regente diz, porque está atento ao intérprete;
O processo de ensino-aprendizagem fica menos exaustivo e mais produtivo para o professor e alunos;	Há necessidade de pelo menos dois intérpretes por turma porque a atividade é exaustiva;
O professor fica com mais tempo para atender aos demais alunos;	Os demais alunos ouvintes podem ficar desatentos, porque se distraem olhando para o intérprete;
A Libras passa a ser mais divulgada e utilizada de maneira mais adequada;	O professor regente pode sentir-se constrangido em estar sendo interpretado;
O aluno surdo tem melhores condições de desenvolver-se, favorecendo inclusive seu aprendizado da Língua Portuguesa (falada e/ou escrita).	O professor não interage diretamente com o aluno.

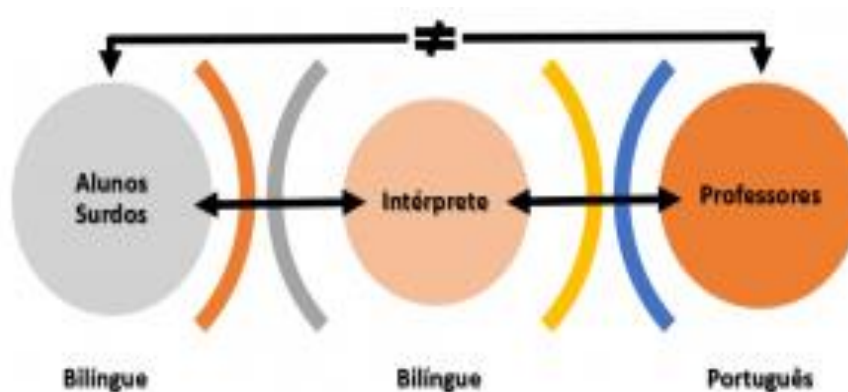
FONTE: Retirado de Magalhães (2013 p.82)

A atuação do intérprete é de suma importância, pois sem a sua presença se torna inviável para o (a) aluno (a) surdo (a) adquirir conhecimentos e absorver conteúdos ministrados na sala de aula regular pelo professor ouvinte e o processo de ensino-aprendizagem não será significativo. Nesse sentido, apontam Lacerda et al (2011, p.5), “o objetivo principal não é apenas traduzir, mas buscar, juntamente com o professor, meios diferenciados de ensino para que o aluno surdo possa ser favorecido por uma aprendizagem especificamente elaborada e pensada, e, conseqüentemente, eficiente”. Assim, se faz necessário desempenhar a atividade de interpretação com vistas a amenizar os aspectos que poderiam ser desfavoráveis.

Ademais, a comunicação entre professores e alunos surdos só ocorre de forma plena quando o primeiro adquire a Libras como L1 ou o segundo adquire o português como L2 (LACERDA, 2000). Quando isso não ocorre, o papel do intérprete é vital na manutenção da comunicação entre ambos. (CABRAL, CÓRDULA, 2017). Portanto, o aluno surdo precisa ser acompanhado pelo intérprete da Língua de Sinais, e, esse profissional precisa ser fluente na língua falada/sinalizada do seu país, qualificado para desenvolver essa função (BARBOSA-JUNIOR, 2011). Tendo em vista que, o intérprete precisa realizar a interpretação de uma língua falada para a sinalizada e vice-versa, conforme aponta Barbosa-Junior (2011).

A figura a seguir mostra como deve ser feita a comunicação entre alunos surdos, intérprete e professores na escola.

Figura 01- Representação do processo de interpretação e comunicação



FONTE: CABRAL, CORDULA (2017)

Observa-se a partir da figura 01 que, o intérprete assume a função de estabelecer a intermediação entre os usuários da Língua Brasileira de Sinais, interpretando a língua oral para uma língua gestual e vice-versa. De modo, que o intérprete é o canal comunicativo entre duas pessoas, para isso, exige muito estudo, capacitação e dedicação para transitar entre as duas línguas, numa relação dialógica entre alunos surdos e professores ouvintes e também na direção inversa.

3. METODOLOGIA

A presente investigação caracteriza-se como um estudo de caso, que para Ponte (2006, p. 125) é compreendida como um estudo particularístico, ou seja, o pesquisador se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse.

Assim sendo, o estudo de caso pode envolver apenas uma pessoa, um grupo de pessoas, ou uma escola, ou um sistema delimitado qualquer, buscando “retratar a realidade de forma profunda e mais completa possível, enfatizando a interpretação ou a análise do objeto, no contexto em que ele se encontra, mas não permite a manipulação das variáveis e não favorece a generalização” (FIORENTINI e LORENZATO, 2007, p.110).

A abordagem utilizada neste estudo é de cunho qualitativo com análise interpretativa. Para Bogdan e Biklen (1991), a pesquisa qualitativa é compreendida como aquela que tem o

ambiente natural como fonte de dados, centrada nos processos em detrimento aos resultados, valorizando a intuição do investigador na busca dos significados, ou seja, é o olhar do pesquisador sobre a situação específica, a fim de descobrir o que há de essencial e característico na situação investigada.

Os sujeitos da pesquisa foram dois surdos, estudantes de escola pública, residentes na cidade de Pombal, e como instrumento de coleta de dados utilizou-se o questionário semiestruturado, organizado em oito questões, sendo duas questões objetivas e seis subjetivas, aplicado nos dias 11 e 12 de dezembro de 2019, a fim de coletar informações mais precisas sobre o processo de inclusão do aluno na sala regular e sobre a atuação do intérprete. Vale destacar que as respostas dos sujeitos pesquisados foram gravadas em vídeos, sendo posteriormente transcritas por um intérprete.

Para preservar as identidades dos entrevistados, optou-se por recorrer a construção de códigos de identificação por letras/números, ou seja, fazer uma codificação para identificação dos participantes da pesquisa. Assim sendo, utilizou-se o código S1 (para Sujeito 1) e S2 (para Sujeito 2). E, para uma melhor compreensão ou definição dos sujeitos pesquisados, fora organizada uma apresentação do perfil desses sujeitos no quadro a seguir.

Quadro - 2 - Perfil dos sujeitos da pesquisados

Sujeitos	Sexo	Idade	Formação inicial
S1	M	23	Ensino Médio
S2	M	18	Ensino Médio

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Portanto, as análises contemplam os enunciados/respostas dadas às perguntas feitas no questionário aplicado a cada um dos participantes da pesquisa.

4. A VOZ DO SURDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO INTÉRPRETE

Esta etapa do trabalho contempla o objetivo de analisar a partir da fala dos surdos qual a importância da atuação do intérprete de Libras na sala de aula regular para o processo de construção da aprendizagem do sujeito com surdez. Os dados coletados foram organizados

com base nos objetivos propostos para a pesquisa e no levantamento bibliográfico que embasou este estudo, adiante confrontados com a literatura que deu suporte à pesquisa.

Com vistas a uma apresentação mais condensada e produtiva da análise, centrou-se no exame das respostas dadas pelos participantes às perguntas que constituíram a entrevista. Cumpre destacar, que para cada pergunta será analisado o conjunto de respostas dos dois sujeitos questionados e as respostas estão codificadas com (Q1S1, Q1S2, Q2S1...) para identificar o número da questão e o sujeito respondente. Dadas essas informações, inicia-se a análise do primeiro conjunto de respostas.

Questão 01

Como foi seu primeiro dia de aula? O que você sentiu?

Q1S1: *Passado eu lembrei porque eu falei verdade. Vi grupo ouvintes e não consegui conversar para eles. Então eu sozinho fiz escrevi e desenho, depois surpreso ter comunidade surda e eu quero vontade aprender Libras com as mãos que falam desenvolver incrível.*

Q1S2: *Eu entrei sozinho e vergonha com os ouvintes conversaram. Depois intérprete chegou me ensinou as mãos em sinais e aprendi gosto.*

Percebe-se a partir dos posicionamentos dos sujeitos, que os dois falam do primeiro dia de aula de forma que transparece um certo constrangimento e sentimento de isolamento em sala. E ao mencionar “Então eu sozinho”, o S1 deixa claro o sentimento de solidão, a partir desta afirmação pode-se compreender que a falta de comunicação mencionada anteriormente, pode ser a responsável pela sensação descrita pelo sujeito.

Continuando a análise dos dados, ainda na fala do S1 é sugerido que o fato de estar num espaço com ouvintes, no primeiro dia de aula, não foi satisfatório, tendo em vista que, os demais alunos não conheciam a linguagem de Libras, impossibilitando uma comunicação entre eles, causando um isolamento do S1 em relação aos ouvintes.

Ademais, observa-se ainda que os discentes surdos não foram inclusos como deveriam, sendo deixados de lado na ausência do intérprete, o que coaduna com o posicionamento de Damázio (2007) quando menciona a importância de professores e alunos

desenvolverem habilidades comunicativas, para que o aluno surdo não dependa somente do intérprete.

Na fala do S2, pode-se observar, logo no início, que a falta de comunicação se constitui o fator primordial no primeiro dia de aula. A percepção distorcida e comumente observada nas vivências surdas, na qual a marca do canal comunicativo ouvinte, delimita a deficiência do surdo e faz com que ouvintes não busquem a interação com o surdo, são marcas de um legado sócio histórico e cultural que ao longo dos séculos tratou as pessoas surdas como incapacitadas (PERLIN, 2008).

E ainda, a vergonha mencionada por S2, por não conseguir comunicação com os ouvintes, deixa marcada uma fragilidade no processo de inclusão na educação brasileira, como sugere Oliveira (2012), derrubar as barreiras da comunicação pode ser compreendida como um dos maiores desafios da educação do surdo.

Com destaque, verifica-se a importância da presença do intérprete na sala, quando diz, “*Depois intérprete chegou me ensinou as mãos em sinais e aprendi gosto*”, o S2, não só deixa claro a sensação de alívio, por não se sentir mais sozinho, como deixa evidenciar a importância desse profissional no processo de ensino e aprendizagem.

Questão 02

Como você se sentiu estudando junto com os colegas ouvintes?

Q2S1: *No grupo com minhas colegas são bons porque eles não conseguem conversar para mim. Eu senti acredito que precisa ensinar para gesto depois mudou os sinais aprende. Se comunicar com eles.*

Q2S2: *Não consegui comunicar as minhas colegas. Eu preciso ensinar para os sinais. Eles vão aprendem desenvolver e nós ajudamos com as colegas.*

Observa-se nesse momento da fala, os sujeitos da pesquisa se preocupam com a aquisição do conhecimento de Libras por parte dos ouvintes, pois era um obstáculo a ser vencido, considerando que atrapalhava o processo comunicativo e comprometia a relação de interação com entre o surdo e o ouvinte.

Evidencia-se ainda, a disponibilidade dos surdos em ensinar Libras aos colegas, visando melhorar a comunicação em S1, deixando claro que o fato dos colegas ouvintes não conseguirem se comunicar com ele, faz com que ele queira ensinar sua língua natural para os colegas. Nota-se que o esforço para ensinar Libras está diretamente relacionado a necessidade de o surdo ter acessibilidade linguística, o que possivelmente, tornaria o contexto escolar mais comunicativo e, conseqüentemente, mais propício às relações humanas e a aprendizagem.

Do mesmo modo em S2, a fala é mais enfática ao descrever a falha na comunicação, o “*Não consegui comunicar as minhas colegas*”, retrata uma situação recorrente no cotidiano escolar do surdo (OLIVEIRA, 2012), e essa falta de acessibilidade comunicativa pode gerar prejuízos ao desenvolvimento social e intelectual do surdo.

Do mesmo modo que em S1, verifica-se a disponibilidade do surdo em ensinar Libras aos colegas, quando S2 menciona, “*Eu preciso ensinar para os sinais*”, esta fala relaciona-se ao desejo de S2 em querer afirmar sua língua natural, de forma que reforce a disseminação, a legitimação, e não só de proporcionar uma comunicação mais eficaz entre duas partes.

Verifica-se que ao mencionar que os colegas vão aprender sua língua (Libras) como meio de possibilitar uma comunicação e desenvolver relações entre os alunos, S2 aponta para um deslocamento do sujeito (BAKHTIN, 2011), pois, ele sai da sua condição de surdo e se coloca no lugar do ouvinte, na tentativa de proporcionar ao ouvinte uma experiência de aprendizagem.

Questão 03

Como era a comunicação com os professores? Eles sabiam Libras?
--

Q3S1: *Não ter, professores estão difíceis e não se comunicar, mas eu pedi para diretor precisa intérprete de Libras é importante e eu animado muito.*

Q3S2: *Não sabemos sem comunicar. Eu calado. Preciso intérprete!*

Com base nestas falas acima, pode-se compreender, claramente, a falta de comunicação entre professor e aluno. A introdução da fala dos dois participantes evidencia a falta de conhecimento básico em Libras, por parte dos professores, para Lacerda (2000) a comunicação entre professores ouvintes e alunos surdos só ocorre quando um dois lados

aprende a segunda língua e, a falta desse domínio, por um dos dois, pode acabar comprometendo o processo de aprendizagem e a falta de intérprete na sala.

Percebe-se nas falas dos sujeitos pesquisados a necessidade do intérprete de Libras. Quando em S1 é mencionado “*precisa intérprete de Libras é importante*” e em S2 “*Preciso intérprete!*”. Assim, ficou amplamente demonstrado a importância do profissional intérprete para o aluno, que ao se deparar com a sala de aula regular, ambiente em que lhe é cobrado a língua portuguesa com primeira língua (VASCONSELLOS, 2017), fica sem acessibilidade linguística, conseqüentemente, sem informação e sem conhecimento, visto que, na maioria das vezes, como já foi mencionado nas falas anteriores, os professores não estão preparados para o trabalho com o aluno surdo, pois não dominam a língua natural do surdo.

Nesse sentido, entende-se que a busca constante pelo conhecimento, por parte do professor, pode contribuir para o desenvolvimento do aluno (VITALIANO 2010), isso inclui a busca por formação, pelo menos básica em Libras. E, para Cabral e Córdula (2017), na ausência desse conhecimento o papel do intérprete se torna, ainda mais importante nesse processo educacional.

Assim, é de fundamental importância que o professor tenha em sua formação inicial, os conhecimentos básicos de Libras, com o intuito de ajudar o aluno com surdez e também o interprete durante as aulas, tudo para possibilitar a concretização do processo de aprendizagem.

Questão 4

Tinha intérprete na escola? Como era o trabalho do intérprete?

Q4S1: *Eu gostei de intérprete porque explica bem e entendi. Também intérprete ajuda traduzir para minha família. Intérprete que esforço e habilidade para as mãos incríveis e gosto muito e feliz.*

Q4S2: *Gostei muito de intérprete, aprendi entendi claro e também instrutor Surdo me ensinou.*

As falas nessa questão 4, traz a presença da figura do intérprete na sala de aula, pois nos dois discursos percebe-se que a instituição no qual estavam matriculados os entrevistados,

tinha o profissional intérprete de Libras, mostrando a preocupação da escola na acessibilidade linguística esse direito foi garantido, pela intermediação do intérprete.

Notoriamente, nas falas dos entrevistados o intérprete é apontado como sujeito fundamental para inclusão dos alunos surdos no processo de ensino e aprendizagem, mostrando a importância do trabalho deste profissional, vê-se claramente essa afirmação, quando os participantes expressam, em S1, “*eu gostei de intérprete porque explica bem e entendi*” e, em S2, “*gostei muito de intérprete, aprendi entendi claro*”.

O fato de os sujeitos dizerem que o intérprete explica bem, claro e eles entendem, remete a necessidade de respeito a língua natural do surdo. E ainda, deixa evidente que o entendimento só ocorreu pelo uso da língua natural para eles, o que só foi possível pela presença e eficiência do profissional intérprete.

Outro fato que chamou a atenção ocorreu quando S1 aponta para uma situação muitas vezes comum na relação do intérprete com o aluno, o apoio ou mediação da comunicação entre o aluno e sua família, mostrando que a relação que promove a comunicação, ultrapassa os muros da escola. O intérprete não faz apenas a tradução em sala de aula, a intermediação comunicativa vai além, perpassa as relações do aluno com as demais pessoas envolvidas no processo de formação e educação do surdo, sendo considerada por Lacerda e Góes (2002) e Quadros (2019), como primordial no trabalho do intérprete de libras educacional.

Em S2, aparece a figura de um instrutor surdo², que de acordo com a fala do participante, ele desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do aluno. Essa figura do instrutor, por ter a mesma língua natural do surdo se constitui num importante colaborador nesse processo. Com efeito, mesmo que esse colaborador não seja ofertado pela escola, o contato, a comunicação e identidade cultural faz parte desse processo construtivo tanto educacional quanto social, e isso amplia as possibilidades de comunicação, de interação e de aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa aqui exposto trata dos desafios enfrentados pelo sujeito surdo diante da inclusão no ensino regular e na busca por compreender melhor esse processo de

² É um educador que deve trazer para o espaço escolar os valores, aspectos culturais, emoções e percepções da ótica da pessoa surda. [...] a presença do instrutor surdo no contexto educacional é de suma importância, assim como o desenvolvimento de práticas que favoreçam o desenvolvimento de linguagem, sua constituição e identidade, além do aprendizado da Libras.

educação do aluno surdo, e ainda esta pesquisa buscou investigar a importância da atuação do intérprete de Libras na sala de aula regular para o processo de construção da aprendizagem do aluno surdo, a partir de sua fala.

A fim de alcançar esse objetivo a pesquisa se apoiou em estudos e leituras sobre os desafios da inclusão, a formação do professor e a importância do papel do intérprete de Libras para o processo de aprendizagem, sendo construídos diálogos com Quadros (2004), Vitaliano (2010), Skliar (2017), Lacerda (2000), dentre outros que abordam a temática da educação do surdo e a presença do intérprete nesse processo.

Os resultados apontam que um dos desafios enfrentados pelos alunos com surdez é a falta de comunicação com os colegas e com professor, deixando evidente que a educação do surdo continua com o entrave da barreira linguística, causada pela não formação de professores para o trabalho com aluno surdo, pela ausência de intérpretes de Libras, este muitas vezes só são ofertados pela instituição depois de reclamações e questionamentos, como observado nessa pesquisa, demonstrando que a inclusão ainda não acontece de forma efetiva.

As análises apontam que o aluno surdo ainda é recepcionado na escola sem que haja uma preparação básica, nesse caso, o acesso à comunicação. E ainda, sobre a falha na comunicação direta com o professor e os alunos ouvintes, destaca-se e reconhece a importância do trabalho do intérprete para o processo de ensino e aprendizagem e que sem a presença desse profissional em sala de aula, a falta de acessibilidade linguística compromete todo o processo de interação e de construção do conhecimento.

Conclui-se que a escola precisa ofertar condições ao professor e ao aluno para realização de uma comunicação que promova o bom desempenho no ensino e na aprendizagem, devendo ocorrer com ou sem a presença do intérprete em sala de aula, pois a interação e a comunicação em sala de aula não devem depender totalmente da presença do intérprete.

Com isso, espera-se que as discussões e reflexões trazidas à baila, possam contribuir para o debate sobre a temática da educação de surdo no ensino regular e que possa fomentar outros pesquisadores e estudiosos a aprofundar a discussão e buscar outros aspectos do assunto que venham ampliar os conhecimentos acerca do referido tema abordado.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**: introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA-JUNIOR, J. A função do tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS: âmbitos de atuação e o intérprete educacional. *PROFT em Revista*, São Paulo, v. 1, nº 1, out. 2011.

BOGDAN, R. C., BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORTOLETO, R. H.; RODRIGUES, O. M. P. R.; PALAMIN, M. E. G. A inclusão escolar enquanto prática na vida acadêmica de portadores de deficiência auditiva. *Revista Espaço*. Rio de Janeiro, v. 18/19, p. 45-50, 2002/ 2003

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.
_____. *Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010*. Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília: Diário Oficial da União, 2010.

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/02 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, DF. Disponível em. Acesso em: 15 set. 2019.

_____. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em Acesso em: 15 set. 2019.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial. **Educação inclusiva: a fundamentação filosófica**. Organizado por Maria Salete Fábio Aranha. Brasília, DF, 2004. v. 1 Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/fundamentacaofilosofica.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2019.

CABRAL, R. M.; CÓRDULA, E. B. L. **Os desafios no processo de alfabetização de surdos**. *Revista Educação Pública*, Cecierj, Rio de Janeiro, v. 17, nº 5, 2017.

CAMPOS, M. L. I. L. Educação inclusiva para surdos e as políticas vigentes. 2014 – In: LACERDA, C. B. F. de; **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à LIBRAS e educação de surdos** – Org: Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Lara Ferreira dos Santos. – São Carlos: EdUFSCar, 2014. 254p.

CASTRO, J. **Ir e vir: Acessibilidade:** compromisso de cada um. Campo Grande/MS: Gibim, 2013.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DORZIAT, A. Educação de surdos no ensino regular: inclusão ou segregação? **Revista do Centro de Educação**, v. 24, p. 1-7, 2004.

FARIAS, Rosa Iara; SANTOS, Antônio Fernando; SILVA, Érica Bastos da. Reflexões Sobre A Inclusão Linguística No Contexto Escolar. In: DÍAZ, Félix et al. (Org.). **Educação inclusiva, deficiência e contexto social:** questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 39-48.

FIorentini, D., LOrenzato, S. **Investigação em educação matemática percursos teóricos e metodológicos – 2ª ed.** rev. Autores Associados. Campinas, 2007.

FISCHMAN, R. Identidades, identidades – indivíduo, escola: passividade, ruptura, construção. In: A. L. de TRINDADE; R dos SANTOS (Org.) **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FREIRE, Sofia. - Um olhar sobre a inclusão - **Revista da Educação**, Vol. XVI, nº 1, 2008 | 5 – 20.

INCLUSÃO. In: FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ISAIA S. M. A. Professores de Licenciatura: concepções de docência. In: MOROSINI, Marília. **Enciclopédia de Pedagogia Universitária.** Porto Alegre: Fapergs/ RIES, 2006.

KELMAN, C. A. **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar.** Brasília: Editora UnB, 2010

LACERDA, C. B. F. **A prática pedagógica mediada (também) pela Língua de Sinais: trabalhando com sujeitos surdos.** Caderno CEDES, Unicamp, ano XX, nº 50, 2000.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F. **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos.** In: Coleção UAB – UFSCar. Língua Brasileira de Sinais: uma introdução. São Carlos: Departamento de Produção gráfica da UFSCar, 2011.

MAGALHÃES, Fábio Gonçalves de Lima. **O papel do intérprete de LIBRAS na sala de aula inclusiva.** Revista Brasileira de Educação e Cultura. Centro de Ensino Superior de São Gotardo. N. 3. Junho/julho de 2013.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003

NÓVOA, A. - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSÃO DOCENTE**, Texto publicado em NÓVOA, António, coord. - "Os professores e a sua formação". Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33. 1992.

OLIVEIRA, Fabiana B. Desafios na inclusão dos surdos e o intérprete de libras. **Diálogos & Saberes**, Mandaguari, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área de necessidades educativas especiais**. Espanha: UNESCO, 1994.

QUADROS, Ronice Muller de. **Linguística para o ensino superior** 5. Editores científicos Tmmaso Raso; Celso Ferrarezi. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2019. 192p.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

RAMALHO, B. **Educação como exercício de diversidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005.

RAMOS, D. M; HAYASHI, M.C. P.I. Balanço das dissertações e teses sobre o tema educação de surdos (2010-2014). **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.25, n.1, p.117-132, Jan.-Mar., 2019. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382019000100117. Acesso em 25. Nov. 2020.

ROJO, R. H. R; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 152p.

SALAMANCA, Declaração. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 025Nov. 2020.

SANTOS, Lara Ferreira dos. et al. O instrutor surdo: caminhos para uma atuação reflexiva e responsável. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; MARTINS, Vanessa Regina de (org.). **Escola e diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 127-148.

SKLIAR, C. **Atualidades da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos**. Porto Alegre, v. 1, 5 ed. Mediação, 2017.

VASCONCELLOS, Ayla. Lizandra. Campos de. O papel do tradutor/intérprete de libras e as relações entre Tils e o surdo no processo tradutório: um debate crítico sobre a inclusão/exclusão, subalternidade e amizade. In. **Libras em diálogo: interfaces com tradução e interpretação**. BARROS, A. L. E. C de; CALIXTO, H.R. S; NEGREIROS, K. A de. (Orgs.) . **Libras em diálogo: interfaces com tradução e interpretação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

VITALIANO, C. R. **Formação de professores para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**. Londrina: EDUEL, 2010.

ANEXO

QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo: () Masculino () Feminino

Escolaridade:

() Ens. Médio () Ens. Superior () Especialização () Mestrado () Doutorado

Questão 01 – Como foi seu primeiro dia de aula? O que você sentiu?

Questão 02 – Recebeu apoio dentro e fora da escola? Se sim, quais?

Questão 03 - Como era a comunicação com os professores? Eles sabiam Libras?

Questão 04 - Quais dificuldades encontradas no contexto educacional?

Questão 05 – Tinha intérprete na escola? Como era o trabalho do intérprete?